



DEPOIS DE CADA CONCERTO,
É SÓ COM ELA QUE ELE QUER ESTAR.

A MUSA

DO

Rocker

**TOP
SEL
LER**

PENELOPE WARD

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Emily

*T*alvez fosse melhor eu ir-me embora.

No deserto da Califórnia, o edifício solitário parecia deslocado. Ainda assim, aquela estrutura de um piso e tons terrosos quase se confundia com a natureza circundante. Era, sem dúvida, um sítio onde as pessoas iam para não serem encontradas. Havia um pequeno parque de estacionamento nas traseiras do edifício com vários carros de luxo e, literalmente, mais nada nas imediações, num raio de quilómetros.

Enquanto deambulava por ali, tentando espreitar pelas janelas, sentia a pressão de saber que estava prestes a ser expulsa das instalações. De repente, uma porta abriu-se, revelando um homem todo vestido de preto.

Tentando parecer casual, pigarreei.

— Ah, olá.

— Veio para a entrevista? — perguntou ele.

Entrevista?

— Hum... — Aclarando a voz, endireitei-me e menti: — Sim. —

O que é que estás a fazer, Emily?

— Bem, então está atrasada.

— Peço... imensa desculpa. Trânsito.

— Típico de LA, não é? — Ele riu-se. — Pedi à agência para lhe dizer que me ligasse assim que chegasse. Ia sair para fumar, mas, uma vez que aqui está, podemos começar. — O homem virou-se novamente para a porta. — Venha comigo.

Com a respiração trémula, segui-o até ao interior do edifício. Passámos por uma porta que dizia *Régie*. Conseguia ouvir o som distante de uma bateria algures.

— Peço desculpa por obrigá-la a vir até ao deserto para isto — disse, enquanto eu me apressava a acompanhá-lo. — Mas precisava de estar aqui enquanto a banda está a gravar o novo álbum, e achei boa ideia matar dois coelhos de uma cajadada ao pedir aos candidatos que viessem até cá. Não temos muito tempo para preencher esta vaga.

O homem vestia uma t-shirt com o nome da banda: Delirious Jones. Tornaram-se populares depois de algumas das suas canções se tornarem virais. Já existiam há bastante tempo, mas apenas tinham tido sucesso nos últimos anos. A sua música era certamente *rock*, embora fosse geralmente descrita como *pós-grunge contemporâneo*.

Continuei com a minha farsa.

— A viagem fez-se bem — assegurei. — Assim que saí da autoestrada, foi bastante agradável.

O homem conduziu-me até uma cozinha com uma máquina de venda automática. Puxou uma cadeira para mim e sentou-se do outro lado da mesa. Estendeu a mão.

— Doug Elias, já agora.

— Prazer em conhecê-lo — cumprimentei.

— Trouxe o currículo?

Hum. Não, tendo em conta que hoje não era suposto candidatar-me a nenhum emprego. Esfreguei as palmas das mãos nas coxas.

— Não, peço desculpa.

— Deixe-me ver o meu e-mail. Talvez a agência o tenha enviado. Aclarei a voz.

— Pois. Disseram-me que iriam enviar. — Contemplando o deserto através da janela atrás dele, esperava não me ter metido em sarilhos.

— Como é que se chama? — perguntou.

Mal conseguia lembrar-me.

— Emily Applewood.

Ele verificou o telemóvel e abanou a cabeça.

— Não. Não estou a encontrar.

Endireitei-me e voltei a mentir.

— Deve ter sido um mal-entendido. Teria trazido o currículo se soubesse que não o tinha.

— Não se preocupe. — O homem cruzou os braços e encostou-se para trás na cadeira. — Bem, talvez possa começar pela sua formação. Que tipo de experiência tem? — Ele abriu a aplicação das notas no telemóvel.

— Eu... De momento, estou desempregada. Acabei recentemente o curso de Comunicação na Nevada State University, mas ainda não decidi o que vou fazer.

Pelo menos, esta parte era verdade.

Nos minutos que se seguiram, divaguei sobre a minha experiência como estagiária num canal de televisão em Las Vegas. Não fazia ideia a que emprego estava a candidatar-me. Mas, pelo menos, tinha *alguma* experiência prática da qual podia falar.

— Porque é que quer trabalhar para a banda? — perguntou ele.

Em que é que me fui meter? Não sabia o que dizer. Mal ouvira as suas músicas, tirando uma canção no YouTube de cujo nome não me recordava.

Ao ver que eu não respondia, ele tentou outra vez.

— Qual é a sua canção preferida da banda?

Merda. Senti o rosto corar. Não conhecia nenhuma.

— Para ser sincera, não sou fã — confessei. — Infelizmente, não sei o nome de nenhuma canção. Apenas achei que seria uma boa oportunidade de trabalho para o meu desenvolvimento pessoal, a possibilidade de experimentar algo novo. — Nesse momento, devia ter o rosto todo vermelho.

Ele fez uma careta.

— Como é possível não conhecer sequer *uma* canção?

— É uma questão de gosto.

O homem coçou o queixo.

— Geralmente, o meu maior problema é ter de afastar as *groupies* deste tipo de trabalho, mas parece que estamos perante

o problema oposto. Não posso dizer que já me tenha deparado com uma situação destas. Pode ser um ponto a seu favor, mas não sei se será boa ideia contratar alguém que *nem sequer* conhece as canções da banda.

Tentando pensar em alguma coisa, encolhi os ombros.

— Será que alguém os *conhece* realmente? Apenas *julgam* que os conhecem, certo?

— Talvez tenha razão. — Ele apontou algo nas notas do telemóvel. — Seja como for, tem alguma dúvida sobre o trabalho?

— Adorava saber mais sobre as responsabilidades que implica. *Tipo... por favor, diga-me em que consiste o trabalho.*

— Bem, basicamente, seria uma criada, à falta de melhor termo. Trataria de todas as necessidades da banda e dos técnicos, auxiliando na carga e descarga de material em cada local. Na realidade, seria para fazer um pouco de tudo. Seguramente, este trabalho não é para quem tem um grande ego. Não pode ter medo de sujar as mãos. Estamos a falar de uma imensa carga de trabalho e um verdadeiro compromisso, pois teria de passar vários meses na estrada.

Engoli em seco.

— Na estrada?

— Sim. — Ele semicerrou os olhos. — De que é que estava à espera? Viria em digressão connosco. Não leu a descrição do trabalho?

— Claro que li — disse, tentando salvar a pele. — Só precisei de um minuto para processar as palavras «na estrada». Pensava que iriam de *avião* para os concertos. *Estrada* implica... autocarro, certo?

— Na digressão norte-americana viajamos em autocarros. No final do ano, a banda fará uma digressão pela Europa, viajando maioritariamente num jato privado de uma cidade para outra. Mas isso já não seria consigo. Este trabalho é só para a digressão nos Estados Unidos.

— Estou a ver... — Deixei a mente divagar um pouco enquanto ele falava, pensando na parte logística do trabalho.

Assim que lhe dei o meu número de telefone, ele levantou-se de imediato.

— Embora me agrade o facto de não me parecer deslumbrada, vou ser sincero. Tenho a sensação de que poderá não estar pronta para isto. Mas vou guardar os seus dados e, dependendo de como correrem as outras entrevistas, poderá ou não ter notícias minhas.

— Muito bem — disse, levantando-me também. — Obrigada pelo seu tempo e consideração. — *E porque não perguntar?* — Seria possível conhecer a banda, já que aqui estou?

Ele abanou imediatamente a cabeça.

— Lamento, mas não será possível. Eles estão ocupados a gravar e não podem ser interrompidos.

Engoli em seco. *Não custou nada tentar.*

— Compreendo. Mais uma vez, obrigada pelo seu tempo.

— Faça boa viagem — respondeu ele, com um aceno de cabeça.

Sentia o coração acelerado ao encaminhar-me pelo corredor em direção à saída. Decidi passar pela casa de banho para molhar a cara.

Lá dentro, olhei-me ao espelho. O meu rosto estava corado, enquanto eu processava os últimos vinte minutos e ponderava se devia ficar no deserto ou regressar ao Nevada. *E agora?*

Nesse momento, apercebi-me de movimento atrás de mim e dei um salto. No reflexo do espelho, vi o rabo nu de um homem no urinol da parede oposta.

Antes que pudesse fazer alguma coisa, ele virou-se e, ao fechar a braguilha, reparou em mim.

— Mas que merda é esta?

2

Emily

Abanei a cabeça.
— Desculpa. Não percebi que tinha entrado na casa de banho dos homens.

Ele tinha uma barba comprida e usava um capuz. Os seus olhos azuis eram penetrantes e, por detrás da barba e do bigode, parecia ter maçãs do rosto definidas e uma cara bonita.

Olhou para mim com ceticismo.

— O que é que estás aqui a fazer?

— Pensava que era a casa de banho das senhoras. Eu...

— Sim, já percebi. Não estou a perguntar o que estás a fazer na casa de banho. Estou a referir-me ao edifício. Ninguém pode entrar aqui.

— Vim para uma entrevista de emprego. O... Dan Elias deixou-me entrar.

— *Doug* Elias, queres tu dizer?

— Ah, sim.

— Entrevista para quê? — O homem virou-se para o lavatório e pôs-se a lavar as mãos enquanto eu explicava.

— Para trabalhar na próxima digressão dos Delirious Jones. Mas acho que não vai acontecer. Tenho quase a certeza de que fiz má figura na entrevista, porque não vinha preparada. — *Do tipo, não fazia ideia de que iria candidatar-me a um emprego hoje.*

E porque é que continuo a falar com este tipo?

— Estou a ver.

— Trabalhas aqui? — perguntei.

Ele ficou a olhar para mim como se eu tivesse dez cabeças.

— Já. Trabalho com a banda.

— Podes dizer-me como é trabalhar com eles? Estaria a meter-me numa situação complicada ao aceitar este trabalho? Não me parece que vá conseguir, mas, caso voltem a ligar-me, gostava de saber se estou a meter-me num buraco.

— O que é para ti uma situação complicada?

— Nunca estive envolvida neste tipo de cenas.

Ele riu-se.

— Estás a falar de... sexo, drogas e *rock and roll*?

— Pois.

— Bem... — Cruzou os braços. — Há algumas coisas que devias saber.

— OK.

— Há orgias quase todas as noites.

— A sério? — Arregalei os olhos.

Ele acenou que sim.

— E também há o autocarro de BDSM.

— O autocarro... de BDSM?

— Já. Faça o que fizeres, certifica-te de que não te põem nesse autocarro. A não ser que gostes de ter pinças nos mamilos e que te chicoteiem o rabo com frequência.

Mordi o lábio.

— Hum...

— E consomes cogumelos mágicos? — Ele apontou para mim.

— Se sim, vais adaptar-te perfeitamente. — O seu sorriso trocista denunciou-o facilmente.

— Estás a gozar comigo?

— Estou. — Riu-se. — Não há orgias nenhuma e, por muito divertido que possa parecer um autocarro de BDSM, também não existe.

— E as drogas?

— Há sempre drogas por aí. Mas o pessoal da banda não se mete nisso. Só alguma erva de vez em quando. Porque é que estás tão preocupada? Ninguém pode obrigar-te a fazer nada que não

queiras fazer. Se vires alguma coisa de que não gostas, finge que não viste. Em todo o caso, se vieres trabalhar para a digressão, acredita, estarás demasiado ocupada para reparar.

— Imagino que seja um bom sinal. — Engoli em seco.

— Porque é que te candidataste a este trabalho? — Ele inclinou a cabeça. — Pareces apreensiva. Não devias fazer nada que não queiras fazer.

É uma excelente questão.

— Nos últimos anos, as coisas têm sido difíceis na minha vida pessoal e preciso de mudar de ares.

Foi a minha segunda afirmação verdadeira do dia.

— Lamento — disse ele. — Queres falar sobre isso?

— Não na casa de banho dos homens com um completo desconhecido. Seria um bocado estranho.

Ele encolheu os ombros.

— Não eras tu que estavas com o rabo à mostra há instantes. Por falar em coisas estranhas.

— É um ponto a meu favor. — Desviei o olhar durante alguns segundos de silêncio constrangedor. — A banda é fixe?

Passado um momento, ele acenou que sim.

— Não são maus. O vocalista, o Tristan, tem os seus dias. Não é tão talentoso como as pessoas julgam que é. Sobretudo, teve sorte de ter chegado onde chegou. Este ano está com alguns problemas, a passar um mau bocado, na verdade, e nota-se.

Hum...

— Que pena.

— O que achas da música deles? — perguntou.

Encolhi os ombros.

— Já ouvi falar da banda, claro. Mas não sou fã nem nada. Não conheço as canções.

Ele sorriu.

— Estás a falar a sério? Então por que raio queres este trabalho?

— De certa forma... foi por acaso. Esta noite, quando chegar a casa, vou procurar saber mais sobre eles para estar preparada se, por milagre, conseguir o trabalho.

— Se quiseres ouvir as canções, procura cenas mais antigas, com cinco ou seis anos. Aqui entre nós, comparativamente, o material mais recente não presta, embora seja o mais popular.

— Assim farei. Obrigada pela dica.

— Ora essa.

Apontei sobre o ombro, na direção da porta.

— Bem, é melhor sair daqui e procurar a casa de banho certa.

— Como é que te chamas? — perguntou ele.

— Emily.

Nesse momento, a porta abriu-se e outro homem entrou, ficando a olhar para nós.

— Que raio estás a fazer aqui, Tristan? Estamos à tua espera.

Tristan?

Ele disse que *trabalhava* com a banda.

Meu Deus.

Suponho que ser o *raio do vocalista* seja considerado trabalho. Não o reconheci. Senti o rosto corar novamente e uma descarga de adrenalina percorrer-me o corpo.

O Tristan piscou-me o olho.

— Foi um prazer falar contigo, Emily. Boa sorte com o trabalho.

Os dois homens saíram juntos, deixando-me boquiaberta.



Nessa noite, mal acabara de chegar a casa, em Henderson, no Nevada, quando o meu telefone tocou. Era um número que não reconhecia.

— Estou?

— Estou a falar com a Emily?

— Sim.

— Fala Doug Elias, da entrevista de hoje.

— Ah... — O meu coração disparou. — Olá.

— Gostava de lhe oferecer o trabalho, se estiver interessada.

O quê?

— Uau. Hum... OK. Apanhou-me de surpresa. Fiquei com a sensação de que seria uma hipótese remota.

— Bem, aparentemente, constou-me que se cruzou com o Tristan na casa de banho. Vá-se lá saber como isso aconteceu. Mas foi, não foi?

— Sim. — Humedeci os lábios.

— Ele gostou da sua... apreensão. Disse que era sinal de que se preocupava. Gostou também do facto de não saber quem ele era. Achou agradável. Por isso, embora pessoalmente não a tivesse escolhido, sem ofensa, o Tristan gostava que lhe oferecesse o trabalho.

Caramba. Senti a garganta a querer fechar-se. Obriguei as palavras a sair.

— Eu... não sei o que dizer.

— Posso dar-lhe um dia para pensar sobre isso. Talvez possa aproveitar o tempo para ir à Internet e familiarizar-se com a banda? Diga-me alguma coisa até amanhã à noite. Não posso esperar muito mais, uma vez que partimos daqui a duas semanas.

Arregalei os olhos.

— Duas semanas? Uau.

— Pois. Tenha também isso em conta.

— Quanto tempo será a digressão? Não cheguei a perguntar.

— Quatro meses. Mais uma vez, o trabalho inclui apenas a digressão norte-americana. Não irá trabalhar na Europa. Portanto, é temporário.

Quatro meses.

Eu aguento quatro meses, certo?

Estarei mesmo a considerar fazer uma coisa destas?

— Está bem, certo, agradeço a oportunidade. Prometo dar-lhe uma resposta amanhã.

— Ligue-me para este número.

— Assim farei.

Desliguei o telefone completamente desorientada. *Em que raio me fui meter?*

Após tomar um duche demorado e quente para desanuviar a cabeça, não me senti mais próxima de tomar uma decisão.

Decidi ligar à Leah. Crescemos juntas em Shady Hills, no Missouri, e ela ainda lá vive. Além da minha mãe, a Leah é a única pessoa da minha terra com quem falo regularmente.

Como ninguém sabia o verdadeiro motivo por que me aventurei no deserto hoje, quando comecei a minha história, contei uma mentira inofensiva à Leah sobre como esperava conhecer a banda depois de um amigo em comum, o Ryder, me ter informado da existência de um estúdio de gravação escondido no meio do deserto.

— Nem acredito que mentiste ao agente — disse ela. — Mas qual é o mal, se ele acreditou, certo? Quer dizer, tu *andas* à procura de trabalho. Talvez seja o destino. E são só quatro meses. Sabes quão depressa irão passar?

— Estás a dizer que achas que devia aceitar? Ir em digressão com eles?

— Não tens nada melhor para fazer, pois não? A sério, é uma excelente maneira de matares o tempo, enquanto tentas perceber o que queres fazer da vida.

— Se não *me* matarem primeiro.

— Vai correr bem. Estarás rodeada de pessoas. Não vai acontecer nada. Pensa nisso como uma aventura. Sabes quantas pessoas dariam a vida por este trabalho?

— Sinto-me um bocado culpada por não lhe dar mais valor. Devia ser para alguém que soubesse valorizá-lo.

— Como aquela miúda, a Stacia, que trabalha comigo — concordou a Leah. — Ela tem uma tatuagem da cara do Tristan nas costelas. Mas isso nem sequer é o mais estranho. Uma vez, quando ele estava no Missouri, ela descobriu que ele tinha ido a um cabeleireiro local para cortar o cabelo. Uma mulher que trabalhava lá e que sabia como a Stacia o adorava varreu o cabelo e deu-lho. A Stacia guardou-o num frasco! Só para que saibas.

— Essa Stacia parece doida.

Ou talvez fosse eu a doida. Estava a considerar aceitar um trabalho que me fora oferecido por causa de uma enorme mentira.

Enquanto a Leah tagarelava animadamente sobre a sua colega de trabalho e o seu frasco de cabelo do Tristan, decidi que iria

arriscar. Poderia ser o maior erro de sempre ou a oportunidade de uma vida. Mas, no fundo, sabia que tinha de aceitar; pela mesma razão por que me vira no deserto horas antes.

Interrompi-a.

— Leah?

— Sim?

— Vou aceitar. Vou em digressão com os Delirious Jones.

3

Emily

Ninguém me avisou de como seria cansativo trabalhar na digressão de uma banda.

Não me interpretem mal. Foi a experiência mais empolgante que alguma vez tive. Embora nem tivesse tempo para respirar. O ritmo era tão acelerado e constante que os dias se confundiam todos. Só tinha passado uma semana. Os primeiros sete dias passaram num piscar de olhos e, no entanto, parecia que estava aqui desde sempre e perdera a noção do mundo lá fora.

Não havia um horário estabelecido. Basicamente, trabalhava o dia todo, fazendo pausas aleatórias. E tinha de estar disponível vinte e quatro horas por dia para «emergências»; por exemplo, no caso de alguém precisar de alguma coisa que o serviço de *catering* ou de entregas não conseguisse satisfazer. Mandar vir coisas era complicado quando se queria proteger a privacidade da banda e manter a sua localização em segredo. Era aí que eu entrava, a correr constantemente de um lado para o outro.

Os Delirious Jones tinham dois autocarros. O autocarro principal transportava os membros da banda e os seus representantes. Eu e os técnicos íamos no segundo autocarro. Havia ainda autocarros suplementares para os técnicos contratados pela promotora da digressão.

Demorei algum tempo a habituar-me a dormir num beliche sem janelas. À noite, quando partíamos para outra cidade, punha os auriculares e ouvia um *podcast* ou um audiolivro até adormecer.

Acordava constantemente durante a noite, muitas vezes com o som do motor a parar, embora o colchão fosse surpreendentemente confortável.

Até à data, a banda dera quatro concertos seguidos, começando em Boston e acabando em Nova Iorque. Não tivera muitas interações com o Tristan nem com o resto do pessoal da banda. O Tristan Daltrey cantava e tocava guitarra. Os Delirious Jones incluíam também o baterista Atticus Marchetti e o baixista Ronan Barber. Aparentemente, o teclista saíra da banda há uns meses por causa de problemas pessoais, portanto, um músico chamado Melvin Finkle estava a substituí-lo na digressão. Antes dele, já tinham experimentado outros teclistas.

O verdadeiro trabalho começava quando chegávamos a um novo local. O promotor da digressão alugava um carro em cada cidade e eu devia providenciar tudo o que a banda ou os técnicos precisassem. Uma vez até me pediram que fizesse uma bainha numas calças. A vaga devia ter sido anunciada como «faz-tudo». Se calhar até foi, mas, certamente, eu não tinha andado na faculdade para agora fazer este tipo de trabalho. Ainda assim, acreditava piamente que havia uma razão para as oportunidades nos caírem no colo. E embora não tivesse aparecido no deserto nesse dia à espera de arranjar emprego, sabia que seria uma boa experiência.

Esta era a primeira noite em que ficaríamos num hotel, pois haveria dois concertos seguidos em Columbus, no Ohio. Ia partilhar o quarto com uma das duas únicas mulheres da equipa, a Layla, fotógrafa da digressão. O nosso quarto era modesto, com duas camas duplas.

Enquanto nos instalávamos, a Layla testou o colchão.

— O que estás a achar da digressão até agora?

— Ando demasiado ocupada para pensar nisso, sabes? — Ri-me.

— Quando dou por mim, estamos noutra cidade.

— Disseste que era a tua primeira digressão. Como é que vieste aqui parar?

— Ainda estou a tentar perceber. — *Não é mentira.*

A Layla sorriu.

— Alguma coisa te surpreendeu até agora?

— Não estava à espera do grau de histeria das fãs, sabes? Nem sequer posso passar da área onde estão estacionados os autocarros para o parque de estacionamento sem me cruzar com raparigas totalmente doidas.

— Pois. É uma loucura. Todas querem um pedaço da banda. Em especial do Tristan.

O Tristan.

Parecia tão diferente agora em relação àquele dia na casa de banho. Cortara a barba comprida, trocando-a por uma barba rala sobre o queixo bem definido. O cabelo castanho coberto pelo capuz andava agora habitualmente solto, ondulado e espesso, caindo-lhe sobre a testa e emoldurando-lhe o rosto. O Tristan era lindo; grande e com tatuagens em todo o lado, dos braços até ao peito e na base do pescoço. Não admirava que as mulheres ficassem loucas por ele. A sua voz forte e melancólica era tão incrível como a sua aparência.

— Não falei muito com o Tristan desde que começouse a digressão — disse à Layla. — Nem com nenhum dos outros. O que é que achas deles?

Ela encolheu os ombros.

— Toda a gente assume que o Tristan é o mais selvagem do grupo. Sabes, tem aquela energia toda de vocalista. É a *persona* que ele mostra ao público. Mas, na realidade, acho que é o mais reservado e não necessariamente o mais selvagem.

Descalcei os sapatos e deitei-me na cama.

— Interessante.

— Quando tiramos fotos às pessoas, por vezes, vislumbramos a sua alma de uma forma que os outros não conseguem. No caso do Tristan, vejo uma pessoa inquieta, um pouco perdida, ainda que não compreenda porquê.

— Então, é mais do que aparenta?

— É. — Ela acenou com a cabeça. — O Atticus, provavelmente, é o mais louco do grupo. E os seus olhos dizem-me que alguma coisa o perturba.

— E o Ronan? — perguntei.

— O Ronan é o mais engraçado. Tem um olhar malandro.

Tanto o Atticus como o Ronan eram tão bonitos como o Tristan. Os três eram uma espécie de trio de deuses do *rock*.

— Porque é que nunca tiras fotos à noite? — perguntei.

— A banda tem uma regra: ninguém pode tirar fotos depois dos concertos. Talvez por não quererem que o mundo saiba o que andam a fazer. O meu trabalho é sobretudo documentar os aspetos musicais da digressão, não necessariamente as parvoíces.

— Estás a referir-te às mulheres?

Ela acenou que sim.

O meu telemóvel tocou e eu ergui um dedo, interrompendo a nossa conversa.

— Estou?

— Tenho um pedido de preservativos — disse o Stephen, o promotor da digressão. — Preciso que pegues no carro e vás comprá-los. Leva-os ao quarto do Atticus.

Passei a mão pelo cabelo.

— Hum... está bem.

— Estás bem? — perguntou a Layla assim que desliguei.

— Estou. — Calcei os sapatos e ri-me. — Tenho de ir comprar preservativos.

— Oh, não. — Ela também se riu. — Bem, pelo menos estão a ser responsáveis.

— Não faço ideia do que aconteceu à caixa que comprei na outra noite.

— Eu faço alguma ideia. — Ela revirou os olhos. — Acho que devias comprar, tipo, dez caixas.

— Não me digas. Acho que vou fazer isso. — Parei à porta. — Precisas de alguma coisa da rua?

— Não quero incomodar-te.

— Vou precisar de comprar outra coisa para desviar a atenção dos preservativos, por isso, o que queres que traga?

— Uma *Coca-Cola Diet*?

— É para já. — Pisquei-lhe o olho.

Conduzi o carro alugado ao longo da estrada principal até ao Walmart mais próximo.

Depois de pegar em alguns aperitivos para levar para o quarto de hotel, a *Coca-Cola Diet* para a Layla e cinco caixas de preservativos para guardar e não ter de estar sempre a sair para ir comprá-los, dirigi-me à caixa automática.

Quando regresssei ao hotel, fui primeiro deixar a maior parte das coisas no meu quarto e depois dirigi-me à ponta oposta do nosso piso para entregar a caixa de preservativos ao Atticus. Bati à porta e, assim que ele abriu, dei-lhe a caixa o mais rapidamente possível. Ele recebeu-a sem dizer nada. Parecia uma operação secreta, quase como imaginava uma transação de droga. Mal reparei no vulto da mulher atrás de si.

Ao voltar pelo corredor e passar por um nicho com uma máquina de venda automática, ouvi alguém a discutir. Percebi que se tratava de uma rapariga que estava a ser praticamente agredida por um homem cujos avanços claramente não desejava. Ele encurralara-a e ela agitava os braços, tentando empurrá-lo.

— Deixa-a em paz! — gritei, intervindo e usando toda a minha força para o afastar.

— Qual é a tua? — vociferou ele.

— Não vês que ela está a pedir-te que pares? — disse eu, ofegante.

— Oh, meu Deus, obrigada — sussurrou a rapariga.

— O que é que se passa aqui? — Ouvi uma voz atrás de mim.

Virei-me e surpreendeu-me ver o Tristan ali. Embora talvez não devesse. O piso estava todo reservado para a banda e os técnicos.

— Este gajo estava a incomodá-la e ela estava claramente a resistir — expliquei.

— Estás bem? — perguntou ele à rapariga.

— Estou — murmurou.

O Tristan virou-se para o tipo.

— Qual é o teu problema, meu?

O tipo olhou para o chão.

— Bebi demais — disse, enrolando as palavras.

— Isso não é desculpa... — O Tristan sacou do telemóvel, falou com alguém e depois pegou no tipo pelo braço e arrastou-o pelo corredor.

Sozinhas, eu e a rapariga conversámos um pouco. Parecia ter a minha idade, 20 e poucos anos. Explicou-me que conhecera o tipo no bar do hotel e que ele a convidara para subir ao seu quarto. Ele trabalhava para a promotora da digressão, razão pela qual tinha acesso ao piso reservado. Após segui-lo até ao piso, chegou à conclusão de que bebera demais e disse-lhe que mudara de ideias. Porém, ele fora atrás dela, empurrando-a até à área das máquinas de venda automática.

Depois de me agradecer uma última vez, voltou para baixo de elevador.

Ia a regressar ao meu quarto quando ouvi a voz do Tristan atrás de mim.

— Emily. Espera.

Virei-me, surpreendida por ele se lembrar do meu nome.

— O que se passa?

— Estás bem? — perguntou-me.

— Estou, porquê?

— Não me pareceste bem quando vos deixei, e queria ter a certeza de que estás bem.

— Sim. — Obriguei-me a respirar fundo. — Estou bem.

Ele inclinou a cabeça.

— Tens a certeza?

— Foi um bocado perturbador — admiti. — Ele estava praticamente a atacá-la.

Ele franziu o sobrolho.

— Perturbador... porque te aconteceu alguma coisa?

— Não *me* aconteceu nada, mas... — Interrompi o que estava a dizer, sentindo uma onda de calor a ruborizar-me o rosto.

— Queres que te vá buscar uma água ou assim? — perguntou ele.

O meu coração batia com força. Finalmente apercebi-me do que acabara de acontecer.

— Por acaso não tens ibuprofeno, não?

— Claro que tenho. Algures por aqui. — Ele apontou para o corredor. — Anda. Eu arranjo-te um.

Segui o Tristan até ao seu quarto, uma enorme *suite*. Disseram-me que, dependendo das condições do hotel, por vezes, o Tristan ficava numa *penthouse*; outras vezes, ficava no melhor quarto do piso reservado pelos representantes da banda. Não havia dúvida de que tinha direito a tratamento preferencial como estrela da banda. Perguntava-me se os outros músicos o odiariam secretamente por esse motivo. Pelo menos, cada membro da banda tinha o seu próprio quarto, enquanto o resto da equipa tinha de partilhar. Felizmente, eu gostava bastante da Layla.

Mantive-me junto à porta enquanto o Tristan vasculhava as suas coisas. Havia um monte de papéis com palavras escritas à mão espalhados sobre a cama. Um casaco de cabedal estava pendurado numa cadeira. Ele acendera uma vela na mesa de cabeceira; cheirava a baunilha. O ambiente era um pouco diferente do que imaginara. Muito mais *zen*.

Ele abriu o fecho de uma mala.

— Não sabias que discutir com otários bêbedos fazia parte do teu trabalho?

— Felizmente, não é habitual.

— Agora sinto-me um bocado culpado — disse ele.

— Porquê?

— Porque não estarias aqui se não fosse eu.

— Como assim? Os preservativos não eram para ti...

Ele estacou um instante.

— Preservativos?

— Por isso é que vim até aqui. Para trazer preservativos ao Atticus.

— Que idiota. — Ele revirou os olhos. — Enfim, o que eu queria dizer era que, inicialmente, estavas apreensiva em relação a este trabalho. Eu disse-te que as digressões são tranquilas. E depois deparas com uma situação destas. Fui eu que pedi ao Doug para te contratar.

Acenei com a cabeça, começando a perceber o que acontecera.

— Já agora, obrigada pela recomendação. Não estava certa de que te lembrasses de mim. Ainda não tínhamos falado desde que a digressão começou.

— Não é nada pessoal. A digressão tem sido uma loucura. Já queria ter falado contigo. Embora noutras circunstâncias.

Disse que sim com a cabeça.

— Porque é que *pediste* para me contratarem? Nem sequer me conheces.

— Gostei que não soubesses quem eu era. Há já muito tempo que ninguém me olhava nos olhos e via uma pessoa normal em vez de um músico sobre quem tem milhões de ideias preconcebidas.

— Infelizmente, vi mais do que os teus olhos naquela casa de banho.

— Pois. — Ele riu-se. — Desculpa.

— Não faz mal. Estou a brincar. Fui eu a idiota que entrou na casa de banho dos homens por engano. Estava a pedi-las. — Fixei o olhar na tatuagem na base do seu pescoço, que espreitava da t-shirt branca. — Seja como for, talvez te tivesse reconhecido da Internet sem aquela barba comprida.

— É exatamente por isso que a tinha. Deixo crescer sempre que vamos para estúdio e não há concertos. Ajuda-me a não ser reconhecido em público. Odiei ser obrigado a cortá-la antes da digressão.

— Faz sentido.

O Tristan abriu outra gaveta e, finalmente, encontrou o ibuprofeno.

— Ah! Encontrei. — Deu-me dois comprimidos e uma garrafa de água.

— Obrigada. — Abri a garrafa e bebi um gole antes de tomar os medicamentos. — Admira-me que estejas sozinho esta noite.

— Porquê?

— Ouvi dizer que, quando ficam em hotéis, dormem com uma rapariga diferente todas as noites.

— Uau. — Ele coçou o queixo. — Uma rapariga diferente todas as noites. Acho que me cairia a pila. Onde vais buscar essas informações?

— Não revelo as minhas fontes.

Ele encolheu os ombros.

— Há noites em que me apetece estar sozinho. Também preciso de escrever música, descansar a voz, dormir.

Acenei com a cabeça. Agora os papéis espalhados sobre a sua cama faziam sentido.

— Escreves muito durante as digressões?

— Escrevo sempre que a inspiração surge, mas, na realidade, sou mais criativo quando andamos na estrada. À noitinha, no autocarro, quando está tudo em silêncio, são os melhores momentos das digressões. É a melhor altura para escrever.

— Ultimamente, também é a minha altura favorita do dia. Há algo muito relaxante na contemplação da escuridão em movimento.

Ele inclinou a cabeça.

— O que é que fazes?

— No autocarro? Leio ou ouço *podcasts*...

— Desculpa, queria dizer no geral. O que é que fazes quando não estás presa a uma digressão de quatro meses?

— Nada de especial, na verdade. De momento, estou a tentar perceber o meu lugar no mundo. Acabei agora o curso na Nevada State University.

— Que idade tens? — perguntou ele.

— Tenho 22. — Tinha visto a idade dele na Internet, mas perguntei na mesma. — E tu?

— Quase 38. Velho como tudo, não?

— Não pareces ter 38. Teria dito, tipo, 30.

— Que curso tiraste na Nevada State? O de lambe-botas? — Ele piscou o olho.

Ri-me.

— Mas é mesmo verdade. Pareces mais novo. E tirei o curso de Comunicação.

— Fixe.

Encolhi os ombros.

— Tem sido difícil arranjar emprego com uma especialização tão abrangente.

— Estás numa boa altura — declarou. — Invejo-te.

— *Invejas-me?* — Franzi as sobrancelhas. — Porquê?

— És uma página em branco com a vida toda pela frente. Há dias em que gostava de voltar atrás e começar de novo.

— Porque haverias de querer fazer isso? És uma estrela. Se tivesses feito uma coisa que fosse de forma diferente, talvez não estivesses onde estás hoje.

— Onde estou hoje não é tão bom como parece. — Suspirou. — Não me interpretes mal; sinto-me muito grato por tudo. Mas há sempre um preço a pagar pela fama. Como abdicarmos da nossa privacidade.

— Sim. Percebo. Vocês não conseguem ir a lado nenhum sem serem cercados.

— Mas tu, claramente, estás-te nas tintas para quem eu sou. Às vezes preciso disso. — Ele sorriu. — A tua inocência é refrescante, Emily.

Inocência?

— Posso ser jovem. Mas *não* sou inocente. — Disse, trocista.

— Não acredito. Vejo-o no teu olhar. És inocente.

— Então não tens muito jeito para ler as pessoas.

O Tristan cruzou os braços.

— Diz-me qual foi a pior coisa que fizeste e eu acredito em ti.

Nunca ninguém me fizera uma pergunta tão direta. E algo no olhar deste homem me fazia querer responder-lhe com honestidade.

Assim o fiz.

— Matei uma pessoa.

Tristan

Pestanejei várias vezes.

— Tu... mataste uma pessoa.

Ela resmungou qualquer coisa e abanou a cabeça, baixando o olhar.

— Nem acredito que te contei isto.

— Bem, eu perguntei e tu respondeste. Embora eu *ache* que mereça uma explicação. Não é o tipo de coisa que se diga sem mais pormenores, sabes?

Finalmente, ela olhou para mim.

— Matei o namorado da minha mãe... por acidente. Em legítima defesa. Ou melhor, em defesa da minha mãe.

Merda. Engoli em seco.

— O que é que aconteceu? Quer dizer, o que é que levou a isso?

— Nesse dia, cheguei mais cedo da escola. Entrei em casa e ele estava a estrangulá-la. Ela estava a ficar sem ar. Implorei-lhe que a largasse, mas não o fez. Achei que fosse matá-la. — Ela respirou fundo. — Fui buscar um taco ao quarto do meu irmão e bati-lhe com ele na cabeça. Não queria matá-lo. Mas, aparentemente, acertei-lhe num ponto da nuca... — Ela calou-se.

— Quando foi isso? — perguntei baixinho.

— No meu último ano do secundário. Há pouco mais de quatro anos.

— Foda-se. Isso é muito pesado. — Abanei a cabeça. — Estás bem? Quer dizer, mentalmente?

— Nem por isso. — Ela baixou novamente o olhar. — Ainda me sinto culpada. E, às vezes, sofro de síndrome de salvadora. Sempre que posso ajudar alguém, aproveito. Testemunhaste um pouco dessa minha faceta esta noite. Acho que sinto que tenho de praticar boas ações para compensar o ato terrível que cometi. — Ela fechou os olhos por momentos. — O Henry, o namorado da minha mãe, era um cabrão. Mas tinha filhos. Que agora não têm pai. Por muito horrível que fosse, fi-los perder o pai. Não mereciam uma coisa dessas.

— Não, mas também não merecias estar nessa posição. A escolha era entre ele ou a tua mãe. Não devias sentir-te culpada. Salvaste-lhe a vida. Fizeste o que qualquer pessoa teria feito.

Ela ergueu o olhar e olhou-me nos olhos.

— Achas mesmo? *Qualquer pessoa* teria pegado num taco e tê-lo-ia agredido? — Os seus olhos verdes brilhavam.

— Talvez não qualquer pessoa. Foi preciso coragem. — Suspirei. — Lamento que tenhas de viver com essa culpa. Consigo compreender porque ficaste tão transtornada com o que aconteceu esta noite.

— Não é preciso muito para reviver o que senti.

— Desculpa — disse eu.

— Não fizeste nada.

— Como te disse, sou responsável por estares aqui. — Gostava de poder envolver esta miúda nos braços neste momento, mas iria parecer esquisito. — Precisas de ajuda? — perguntei, em vez disso. — És acompanhada por um terapeuta? Devias falar com alguém, se continuas a não conseguir lidar com isso.

— Bem... — Ela suspirou. — Não me tem apetecido revivê-lo. Mas talvez devesse obrigar-me a isso, a dada altura.

— A banda tem uma psicóloga, acredites ou não. Dá consultas remotamente. O Doug teve a ideia há uns tempos quando o Atticus se passou dos carros e achou que íamos acabar. Disse-nos que devíamos todos fazer uma consulta e contratou-a. A Dra. Jensen. Estou certo de que terá disponibilidade para ti.

— Eu não faço parte da banda.

— Toda a gente nesta digressão faz parte da banda. Posso ver se ela te recebe, se quiseres. E posso certificar-me de que ficará pago, se o seguro que te fizeram não cobrir as consultas.

— É simpático da tua parte, mas não me deves nada.

Ignorei o seu comentário.

— Qual é o teu apelido?

— Applewood.

— Eu falo-lhe de ti, se quiseres. Posso pedir ao consultório que entre em contacto contigo.

— És muito atencioso. Depois digo-te, está bem?

— Não devias guardar tudo aí dentro. É o pior que podemos fazer a nós mesmos. Sofrer em silêncio. — *Sei do que falo*. Embora os meus problemas recentes não tenham *nada* que ver com o que esta pobre rapariga passou.

— Tu és assim? — perguntou ela. — Sofres em silêncio?

Foi como se me lesse o pensamento.

— Os meus problemas não são como os teus, mas sim, guardo tudo cá dentro. Ultimamente tenho sofrido um bocado com as minhas merdas. — Encolhi os ombros. — Mas não é assim com toda a gente?

A Emily assentiu com a cabeça.

— Lamento.

Dava para ver que estava a ser sincera. A Emily Applewood parecia uma pessoa empática. Uma pessoa forte. As experiências de vida difíceis tornam as pessoas mais fortes. Ela é jovem, mas há coisas que nos fazem envelhecer depressa.

Perdi-me um instante nos seus olhos. Era linda; não da forma falsa como a maioria das mulheres que ultimamente me rodeava. Mas de uma forma natural. O seu cabelo castanho comprido era ondulado com uma tonalidade avermelhada ao refletir a luz. Tinha um pequeno espaço entre os dentes da frente que eu achava estranhamente atraente, sexy até, e uns lábios carnudos vermelho-cereja sem batom. Não havia sombra de maquilhagem no seu rosto jovem, porém, era perfeita. Perfeita por fora e perfeitamente imperfeita por dentro. Não estava a tentar impressionar-me. Não estava

a tentar ser quem não era. A Emily tinha tido azar por tentar fazer a coisa certa. E isso enfurecia-me. A vida não era justa.

— Seja como for, agradecia que não contasses a ninguém sobre isto — disse ela, mexendo as mãos. — Não queria que as pessoas daqui ficassem a saber o que acabei de contar.

Abanei a cabeça.

— Seria incapaz, Emily. — Avancei na sua direção. — *Incapaz*. Espero que saibas isso.

— Enfim... — Ela olhou para trás, para a porta do quarto. — Tenho de ir andando.

Foda-se. Não queria que ela se fosse embora. Queria que ficasse a conversar comigo, que me dissesse o que levava a mãe a namorar com um homem tão violento que quase a matara. Onde estaria o pai da Emily? Onde teria ela nascido? Estava muito curioso em relação a ela; talvez porque estar na sua presença me fazia sentir uma ligação humana normal que há muito não sentia. Mas não tinha uma razão plausível para convidar uma miúda de 22 anos a ficar a conversar no meu quarto. Ela teria todo o direito de assumir que as minhas intenções seriam duvidosas, uma vez que, infelizmente, a minha reputação me precedia.

— Está bem — disse eu. — Tem uma boa noite. Obrigado por conversares comigo.

— Obrigada pelo comprimido. — Antes de se ir embora, sorriu.

Quando ela saiu, fiquei a olhar para a porta, desejando que se tivesse esquecido de alguma coisa, desejando que voltasse. Mesmo que fosse apenas uma fantasia.

Por fim, sentei-me na cama, no meio das minhas tentativas falhadas de escrever música. Mas não conseguia tirar a Emily da cabeça. O que ela fizera para proteger a mãe...

Disse a mim mesmo que me metesse na minha vida, mas o impulso tornou-se irresistível. Peguei no portátil e fiz uma pesquisa por *Emily Applewood*.

Efetivamente, apareceu uma história de um canal de notícias de St. Louis, Missouri.

Um homem de Shady Hills morreu após ter sido agredido com um taco de baseball, alegadamente, pela filha de 18 anos da sua namorada. Segundo a polícia, Emily Applewood chegou a casa na quarta-feira à noite e encontrou com Henry Acadia, de 54 anos, a estrangular a namorada, Terry Applewood. De acordo com o advogado de Applewood, Frank Simmons, a jovem suplicou a Acadia que largasse a sua mãe. Como o falecido continuou a atacar a Applewood mais velha, a filha supostamente terá usado o taco de baseball do irmão para lhe bater nas costas. Segundo o médico legista, Acadia sofreu um golpe na região atlanto-occipital, fazendo-o perder a consciência quase de imediato. O golpe foi fatal. Dado o historial comprovado de violência doméstica de Acadia, a polícia não apresentou queixa contra Applewood e considera que o episódio terá sido um acidente.

E foi assim.

Porra.

Um trauma que muda uma vida inteira reduzido a um mero parágrafo. Nos dias que se seguiram, os meios de comunicação devem ter passado a outras notícias, mas, para a Emily, o horror daquela noite continuaria para sempre a assombrá-la. A vida é mesmo injusta.

Devia ter parado ali, mas abri outras páginas que mencionavam a Emily, incluindo as das suas redes sociais.

Não havia nada recente. O seu último *post* fora publicado há cerca de um ano. Ela estava sorridente na foto e os olhos mostravam um brilho que agora parecia ter desaparecido. Havia um tipo com o braço à sua volta. Não conseguia ver-lhe rosto, porque usava um capuz e estava a beijar-lhe a face. Senti um aperto no peito ao ler a legenda: *Sentirei a tua falta para sempre.*

PODERÁ UMA REVELAÇÃO DO PASSADO DESTRUIR UMA LIGAÇÃO ASSIM TÃO FORTE?

Só eu sabia o motivo que me tinha levado até ao deserto da Califórnia, onde, abrigado por uma área rochosa e desolada, se encontrava um estúdio de gravação. Nesse dia, quando a porta se abriu e um homem me convidou a entrar, deixei que ele pensasse que eu estava ali para a entrevista de emprego para assistente de digressão dos Delirious Jones, uma das bandas de rock mais famosas dos Estados Unidos. Afinal, aquele trabalho até poderia ser empolgante para uma recém-licenciada como eu, mas a verdade é que a entrevista não foi propriamente um sucesso.

Antes de sair do estúdio, entrei por engano na casa de banho dos homens e acabei à conversa com um atraente desconhecido, que só depois vim a saber que se tratava de Tristan Daltrey, o vocalista da banda. Nessa noite, recebi um telefonema a confirmar que tinha sido escolhida.

Com o início da digressão começou a minha história complicada com o Tristan. Embora eu soubesse que não devia passar tanto tempo com o líder da banda, estabelecemos uma ligação muito forte e passávamos muitas noites a conhecermo-nos melhor em jantares informais e longas conversas.

Mas, apesar de tudo o que nos unia, eu ainda escondia o verdadeiro motivo que me levava ali — e isso poderia pôr tudo em causa e mudar o rumo das nossas vidas para sempre.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-523-2



9 789895 835232